

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

**“A Afetividade de Quem Ensina: Memórias, Marcas do Processo de  
Subjetividade”.**

**Patrícia Infante Antunes**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Amélia Gomes de S. Reis.**

Rio de Janeiro  
Agosto 2004

PATRÍCIA INFANTE ANTUNES

**“A Afetividade de Quem Ensina: Memórias, Marcas do Processo de Subjetividade”.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Amélia Gomes de S. Reis.**

Monografia apresentada à Escola de  
Educação da Universidade Federal do Estado  
do Rio de Janeiro – UNIRIO para obtenção do  
Grau de licenciatura em Pedagogia.

Rio de Janeiro  
Agosto 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PEDAGOGIA  
PATRICIA INFANTE ANTUNES

**“A Afetividade de Quem Ensina: Memórias, Marcas do Processo de  
Subjetividade”.**

Trabalho apresentado à disciplina  
Monografia II, como requisito de avaliação, orientado  
pela professora Maria Amélia de Souza Reis.

Rio de Janeiro  
Agosto 2004

PATRICIA INFANTE ANTUNES

**“A Afetividade de Quem Ensina: Memórias, Marcas do Processo de Subjetividade”.**

Avaliado por:

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

*Agradecimentos?*

Rio de Janeiro  
Agosto 2004

*"Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado." (Paulo Freire, 1996, p 59)*

## Resumo

O presente trabalho monográfico vem discutir a afetividade dentro da escola como influência direta sob a aprendizagem. Estudamos o professor e as formas com que ele se relaciona com seus alunos, propondo um relacionamento mais afetivo e desprovido de autoritarismos arbitrários entre ambos. A linha metodológica deste trabalho de pesquisa, tem sua base na arqueologia e genealogia de Michel Foucault e na pesquisa de orientação etnográfica utilizando como campo privilegiado de pesquisa 23 professores OEs e OPs da rede municipal de Queimados. Por meio dos estudos que realizamos, que se fundamentam nas teses sobre saberes, poderes, processos de subjetivação, disciplinação, discursos, discursividades entre tantos conceitos por ele formulados, destacamos as formas de controle e poder na sociedade, para nelas buscar, a gênese dos processos de subjetivação que conferiram marcas na construção dos sujeitos-professores que impedem ou limitam a doação de si para o relacionamento afetivo com seus alunos. Trabalhamos para isso com as memórias revividas no ambiente descontraído de oficinas pedagógicas, tendo em vista sempre o poder dos discursos instituídos e a carga de emoções atuais/passadas que são transferidas para (as) aquelas, no momento em que são narradas, bem como as teses de Paulo Freire sobre a amorosidade e o afeto como elementos fundamentais ao ato de educar. Ouvindo os professores percebemos que a questão é bem ampla, a ausência da amorosidade na instituição escola disciplinadora, acaba determinando muitas das posturas dos/das professores/professoras e as dificuldades particulares destes/destas em se relacionarem com o(s) outro(s) de um modo geral e em lidar com suas emoções presentes/passadas, como pontos marcantes que acabam impedindo a criação de laços afetivos. Por fim, colocamos em debate as teses de Foucault sobre as relações de amizade, considerando-a como caminho para a mudança de si mesmo por si mesmo e com ela outros modos de uma ética da existência na convivência com o(s) outro(s).

## Sumário

- Introdução .....1
- Capítulo I: A banalização do afeto nas relações humanas:
  - 1.1 – A ausência do desejo e do prazer no processo de ensino e aprendizagem.....7
  - 1.2 - A importância da afetividade na relação professor-aluno.....9
  - 1.3 – O prazer, o saber e o poder nas relações escolares.....14
- Capítulo II: A prática educativa e a amorosidade na visão de Paulo Freire:
  - 2.1 – “Ensinar exige...” .....16
- Capítulo III: Memórias, discursos e práticas educativas: refletindo sobre as marcas de subjetividade dos docentes:
  - 3.1 – Memórias e os discursos um encontro com o presente.....20
  - 3.2– Práticas educativas revelando as marcas de subjetividade.....24
- Capítulo IV: Michel Foucault e a noção de amizade: um reencontro com a afetividade e a amorosidade no processo de ensinar e aprender:
  - 4.1–Professor e aluno como sujeito-objeto na relação de amizade.....27
- Considerações finais.....31
- Bibliografia.....34

## Introdução

É chegada a hora. Será preciso deixar aqui a maior produção de todo meu tempo acadêmico, maior não por seu tamanho e profundidade, mas sim pela amplitude e dimensão que esta tem alcançado, em nível de conhecimentos, experiências e os novos olhares apreendidos durante sua elaboração. Entre as tantas etapas por quais passei, desde a primeira vez em que parei para pensar na monografia, até o presente momento no qual me encontro, escrevendo-a, destaco este momento final como a descoberta mais surpreendente.

Ao pensar sobre o surgimento do tema, remeto-me ao dia em que decidi por ele, tentando achar o porquê da escolha, no entanto nesta memória nada de relevante consigo encontrar. Movida, então, por duas palavras: arqueologia e genealogia, tão presentes nos últimos dias, iniciei um processo de investigação sobre mim mesma. Certa de que a escolha do tema não havia sido feita recentemente. Começo a recordar minhas memórias escolares, pois certamente lá encontraria depositadas as motivações que me fazem hoje escrever, estudar e pesquisar sobre o afeto, o professor e o aluno.

Está tudo mais claro. Mergulhada em minha história escolar encontrei, o que me encanta e, ao mesmo tempo, incomoda. Está lá, naquelas salas de aulas do meu passado, o surgimento do tema da minha monografia. Sentada na cadeira que fica de frente para a turma, me deparei com várias das professoras que para mim lecionaram, porém a reflexão maior que faço, não é destas imagens, mas sim, de minha vida estudantil perante elas. Cabeça baixa, representando respeito, coluna curvada, como quem quer se "engolir", olhar parado, que vigia o próprio comportamento e voz sem som, como quem teme falar.

Encontrando-me, inicio involuntariamente uma comparação com os dias atuais, vejo que mudei. Tento recordar a ocasião que me fez mudar, chego então à sala de aula da escola normal, no ensino médio, lembro-me da aula em que comecei a me sentir maior, melhor, diferente e, acima de tudo, parte daquela sala. Olho, então, para a mesa que fica de frente para a turma, pensando ali encontrar a professora. Mas lá não havia ninguém. Olho para o lado, lá estava ela, sentada ao meu lado numa cadeira vazia de aluno, conversando sobre a minha vida, as minhas idéias, os filhos dela, as suas angústias, a matéria, o meu namorado, tantas coisas de carinho que nem sei.



Com certeza foi ela que me fez sentir melhor. Consegui me encontrar e, certamente, encontrei meu "lugar", meu eu junto aos muitos que me rodeavam!

Este recorte que faço de minhas memórias, me permite demarcar a explicação para ter escolhido o relacionamento afetivo entre professor e aluno, como o objeto de estudo deste trabalho de pesquisa. Na verdade, descubro neste último momento, o motivo de ter dado o primeiro passo para as análises que aqui serão apresentadas. Sendo assim, redigir esta monografia representa para mim, uma tomada de consciência, como se diz na psicologia. Pois foi nas entrelinhas do que venho escrevendo, que me encontrei falando de mim mesma.

Sabemos que ao mesmo tempo em que existe uma admiração tamanha pelo profissional que está na sala de aula, pode existir também um medo ENORME, trazido pelo distanciamento que este cria em relação aos seus alunos, medo que vem fantasiado de respeito e disciplina, como vimos na memória vivida por mim. O despertar do prazer de estar na escola e o desejo de aprender vieram para mim, somente na ocasião em que me senti segura com uma professora que não era amiga simplesmente, mas primeiramente se relacionava comigo com igualdade, considerava-me pessoa antes do "rótulo" de aluno. Assim, comecei a entender o encanto e o incomodo que me fazem pesquisar sobre a **afetividade de quem ensina e as suas memórias como marcas do processo de construção da subjetividade.**

Iniciei esses estudos quando comecei a fazer parte da Extensão Universitária, que conta com o Programa Escola Cidadã para a realização de suas atividades de campo. Fazia parte de um grupo que tratava da sexualidade nas escolas com o tema: "*Nexus e Sexus na formação continuada do docente*". Este projeto continua atendendo ao Município de Queimados no Rio de Janeiro e eu persisti nele como voluntária, mesmo tendo conseguido bolsa de pesquisadora IC. Grande parte desta pesquisa é produto deste trabalho extensionista. A partir dele, elaborei o sub projeto com o título: "***A afetividade de quem ensina: memórias, marcas do processo de subjetividade***", objetivando colher dados e relatos que nos propiciaram grandes reflexões conjuntas sobre a temática em questão – nós, pesquisadores e os Orientadores Educacionais/Pedagógicos e Professores da rede escolar daquele Município.

Este projeto abriu-me as portas para a realização da pesquisa etnográfica, entendida como aquela que nos permite participar e interferir na realidade de um grupo, neste caso, buscando estar junto nas trocas de saberes e poderes, pois pensar a teoria e o planejamento dos encontros se fazia coletivamente.

Este tema, transformado em Projeto de Pesquisa para a Iniciação Científica, vem sendo explorado há um ano e meio, deste modo, são muitas as práticas e análises a serem relatadas. Considerando a amplitude do mesmo - o afeto, voltamos nossos olhares para a busca por explicações das causas e efeitos que a falta de afeto podem trazer às relações humanas.

*Foucault não trabalha com causas e seus efeitos (processos)*

Deste modo, este trabalho de pesquisa que se circunscreve em meio a tantas modificações trazidas pela contemporaneidade tecnológica, traz seu olhar para uma escola que divide seu papel de emissora do saber com diversas tecnologias formadoras de opinião e divulgadoras de valores sociais, como: a internet, que "digitaliza" o relacionamento entre os indivíduos; os tele atendimentos que nos calam sucintamente, com gravações que generalizam os problemas e parecem não serem elaborados para pessoas que são diferentes, mas sim para máquinas que uniformizam; as empresas de telemarketing, que invadem nossa casa a qualquer momento querendo vender, através de uma rede na qual somos chamados pelo nome sem saber com quem falamos e, nem mesmo, como o número de nosso telefone foi conseguido; o celular, que aproxima as pessoas uma das outras com uma facilidade que ignora o contato interpessoal e acaba por nos deixar satisfeito em ouvir ou enviar uma imagem congelada para aquele que por qualquer motivo era preciso encontrar.

São inúmeros os exemplos de tecnologias que desumanizam nossa sociedade. A preocupação surge no momento em que percebemos a escola como receptora dos reflexos negativos, das chamadas "vantagens" deste mundo globalizado. Não pretendo afirmar que os problemas da escola estão ligados unicamente ao advento das novas tecnologias, mas levanto uma hipótese a ser destrinchada no presente trabalho e que se avoluma neste "novo tempo": o individualismo e a desumanização das relações afetivas são criadas no ambiente escolar e, principalmente, dentro da sala de aula, entre o professor e o aluno. Diante desta hipótese, podemos nos remeter aos diversos dados que foram coletados durante a preparação deste trabalho, através da

*muito forte!*

*escolares e também*

pesquisa de campo, dados estes que facilitam a análise teórica, tendo em vista que nos traz uma visão da prática escolar.

Por meio dos discursos e observações analisadas fui confirmando hipóteses, algumas certas se fizeram vivas e muitas incertezas atenuadas pelos fatos confirmados. Hipóteses tais como: os problemas que envolvem a indisciplina das turmas, por exemplo, que tanto provoca debates na escola e que muitas vezes é diagnosticado como uma influência da vivência particular dos alunos e suas experiências individuais, podem ser um reflexo do nosso sistema educacional, no qual professores não conseguem se relacionar afetivamente com seus alunos, a fim de resgatar-lhes a confiança e equilíbrio dos mesmos. E, assim sendo o problema que surge foi pensado como associado aos processos de subjetivação dos professores, trazendo por consequência um distanciamento entre docentes e discentes e a precariedade da afetividade entre eles – medo, poder ameaçado?

Nesta perspectiva, este trabalho tem a intenção primeira de refletir sobre a qualidade da educação atual, sua "eficácia", <sup>por vezes, com colocações punitivas localizadas</sup> que não têm apresentado saldos positivos <sup>de aprendizagem</sup>, e sobre os motivos que acabaram por transformar a escola ou a sala de aula em um lugar de deveres e não de prazeres. Toda esta contemporaneidade a que me refiro, se por um lado traz progresso em vários campos do saber, por outro mascara a realidade, muitas vezes, impedindo que os indivíduos se dêem conta de que tais mudanças não lhes são exteriores, influenciados pelas relações com o mundo. Percebemos que o homem hoje é significativamente mais individualista, fruto da tecnologia da auto-suficiência, as máquinas substituem o outro, tomando mais limitado os campos de relacionamentos entre os indivíduos. Tal característica, articulada às modificações culturais, vem tomando mais esgarçados os laços afetivos, trazendo dificuldades às relações humanas em sua humanidade.

Questiono sempre o papel da escola como transmissora de conteúdos unicamente e não uma escola em que se constrói o homem que convive e vive em uma sociedade cidadã. Nesta busca, pensamos sobre os principais componentes da educação brasileira, o problema pode estar ligado à política, à economia e, com certeza, ~~tem~~ é influenciada por fatores de ordem cultural e social. Levando todos estes aspectos em consideração, voltamos nosso olhar para a figura do professor, que

*referência,  
curiosa!*

*+ comentário  
a respeito*

passou a ser o eixo para as análises que pretendemos realizar em torno dos problemas educacionais.

Foi pensando na transformação que o professor sofreu nos últimos tempos imerso nas inconstâncias da sociedade brasileira, e nas relações que estes estabelecem com seus alunos no cotidiano da sala de aula, é que demarcamos nosso objeto de estudo nesta pesquisa – **o relacionamento professor e aluno e as marcas da construção da subjetividade daqueles**, se tornaram nossa preocupação na busca por uma escola em que professor e aluno não se tornem oposições e na qual o prazer, a aprendizagem e a amizade possam permear o ensino.

Partindo deste contexto, procuramos indicar com esta pesquisa que a transformação social não pode prescindir da transformação do indivíduo em si mesmo. Diante desta hipótese, percebemos que é preciso investir no trabalho com o professor, visto que, quando este conhece a si mesmo é capaz de se modificar e melhor relacionar-se com o outro.

Cabe referenciar, neste ponto, que antes de toda leitura realizada neste curso, foram (às) leituras de Paulo Freire que direcionaram meu pensar para questionar, antes de tudo, o profissional que está na sala de aula, suas vivências e atitudes para com seus alunos. A este autor devemos a luz deste trabalho, tendo em vista, que foi lendo sobre a amorosidade e o inacabamento, que surge em mim uma inquietação em relação (a) desumanização da escola em consequência da sociedade posta, originando-se então este estudo sobre a afetividade de quem ensina.

Assim, os objetivos desta pesquisa começam a ser demarcados. Primeiramente, pretendemos identificar as marcas da subjetividade dos docentes, analisando seus reflexos nos relacionamentos entre professor e aluno; ressaltar a dificuldade que a escola encontra de manter a afetividade, a amorosidade e o prazer da criação no processo de ensino e aprendizagem; refletir sobre o fato de que não se conhecer e não se aceitar a si mesmo impede a doação de si para a construção de laços afetivos com o outro (cuidado de si/ rompimento das identidades congeladas). Por fim tentaremos argumentar a favor da amizade como uma possibilidade de *“sair-se do que se é, para criar outros possíveis de ser”*, como escreveu Foucault.

E, neste sentido, esta pesquisa tem como base metodológica *(a)* arqueologia e genealogia de Michel Foucault, ou seja, partimos da investigação ou de um mapeamento dos dados contidos nas memórias revividas no processo de construção de subjetividade dos professores, para assim fazer com que estes se remetam ao passado tentando buscar razões determinantes para as dificuldades que encontra<sup>m</sup> hoje, de estabelecer relações mais afetivas com seus alunos. Deste modo, este autor tornou-se o vértice de minhas análises, de modo a entender nos discursos e relatos, os ditos e não-ditos ensinados por Foucault como estratégias de controle social. (Foucault, 2003, p 8-9).<sup>1</sup>

Investigando junto com o grupo de pesquisa e trabalhando com os professores o conhecimento construído e o cuidado de si, rumo *(a)* transformação dos laços de afeto, facilitadores da aprendizagem, que devem ser criados na escola, tornaram-se muito úteis além dos escritos de Foucault, as leituras de Francisco Ortega que nos possibilitaram reverter nosso pensar para as relações de amizade, questão que também será abordada neste estudo como ramificação temática que ressaltamos pela importância do tema para o rompimento das <sup>suas</sup> identidades congeladas *citadas*.

Nesta perspectiva, trazemos por temática do primeiro capítulo, denominado **A banalização do afeto nas relações humanas** que traz por eixo central de discussões o afastamento do prazer e do desejo do processo de ensino-aprendizagem bem como o resgate da afetividade como forma de melhorar as práticas educativas escolares. No segundo capítulo, a **lembrança de Paulo Freire e suas teses sobre a prática educativa** sob o signo do afeto e da amorosidade. De modo a investigar **as marcas de construção das subjetividades** das professoras em formação continuada, tomo no terceiro capítulo, as memórias e os discursos proferidos como práticas que remetem a outras práticas, analisando os ditos e não-ditos aí presentes, perseguindo discontinuidades e rupturas em tais discursos. No quarto capítulo, finalmente, **Michel Foucault e sua concepção de amizade e sua possível efetividade no cotidiano da escola** como eixo de trazer de volta à escola o prazer de ensinar e de aprender a partir de novas formas de entender e compreender o outro e a si mesmo.

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 8ª. ed. São Paulo, Loyola, 2003.

## Capítulo I

### A BANALIZAÇÃO DO AFETO NAS RELAÇÕES ESCOLARES

#### 1.1 A Ausência do Prazer e do Desejo no Processo de Ensino e Aprendizagem:

São muitos os estudiosos que se preocupam com a educação e os problemas que a acompanham há tempos. Inúmeras são as pesquisas que tentam revelar as origens das dificuldades do nosso sistema educacional, critica-se a avaliação, a formação de professores, a questão cultural, o capitalismo, fala-se em reformas, disciplina, desigualdades, afeto, metodologias e muitas outras questões que demandam resultados e que se remetem, finalmente, à ponta de todo sistema educacional – o cotidiano da escola e de seus professores. Assim sendo, venho ressaltar uma questão que certamente vem contribuindo para que todos esses problemas citados se agravem nas escolas, investigamos os poderes e as formas de dominação que são continuamente exercidos sobre o comportamento dos professores, percebemos que estratégias de controle se realizam sobre os processos de subjetivação dos indivíduos, atingindo níveis de controle que chegam às sensações e emoções dos mesmos.

Reconhecendo que uma investigação de cunho racionalista levaria a nos aprisionar a encontrar sempre causas e efeitos diante daquilo que nos incomodam, esta pesquisa que tem por meta desmascarar esse poder de que falo e nos fez investir nas condições que provocam "desprazer", considerado este como <sup>mediador de discursos</sup> legitimador para as demandas do <sup>método</sup> não ócio produzido pelos poderes dominantes capazes de ocasionar as situações aqui destacadas.      ?      ?      ?

Ao falar do poder, refiro-me à falta de motivação que encontramos hoje no rosto e nas atitudes dos agentes da educação - o professor e o aluno, - que por mais justificáveis que possam ser não impedem a crítica em torno dos desencontros que trazem em relação à educação que se almeja e aos caminhos que estão sendo trilhados.

As observações em salas de aula do Ensino Fundamental nos permitem/permitiram avaliar o comportamento e as falas não só dos professores, mas principalmente dos

alunos. Presenciamos aulas em que os alunos dormem na sala, enquanto a professora corrige o trabalho no quadro; professores que chegam à sala sem nem mesmo ter planejado o tema da aula; alunos que faltam semanas seguidas sem motivos justificados; alto nível de estresse dos professores; alunos que não trazem um caderno sequer para aula. Com isso podemos refletir sobre essa falta de vontade de estar no ambiente <sup>da</sup> escola, o desprazer explícito por parte dos professores e alunos.

Parece ser tarefa impossível, mas o que tentamos resgatar com este trabalho é exatamente o prazer e o desejo na educação. Pensamos em uma escola em que as dificuldades existam como sabemos, mas que estratégias sejam traçadas a fim de amenizar os reflexos negativos vividos na escola, pois estes, certamente, irão fazer parte da elaboração da subjetividade dos alunos que ali estão. Faz-se necessário para isso, uma escola em que os sujeitos se conheçam mais individualmente e se relacionem não só para transmissão de conteúdos e informações, mas também pela troca afetiva.

Defendo o crescimento continuado de professor e aluno, em relação, proporcionando a ambos reformulações de idéias e conceitos que podem ser constantemente recriados nas relações interpessoais que se estabelecem principalmente na escola, entre as tantas instituições que participamos.

Tendo em vista que a escola é o local em que os alunos passam a maior parte de seu tempo, esta não pode ser de forma alguma "mecanizada", é preciso que exista uma preocupação de igualdade entre a afetividade e a cognição.

Reconhecemos que a escola que informa o aluno sobre o mundo se detendo apenas a transmissão de informações e conteúdos, por mais que consiga atingir bons rendimentos quantitativos, acaba deixando a desejar no que se refere ao despertar da consciência para questões que envolvem as relações humanas, como amizade, solidariedade, aceitação, entre outras possibilidades de crescimento humanizado, pois destina seus esforços ao que envolve apenas a parte cognitiva. Precisamos, nos dias de hoje, de uma escola que construa sujeitos para o mundo, aquela que envolve o aluno na busca pelo conhecimento, fazendo com que este seja construído da maneira a mais efetiva possível, ajudando eficazmente na vida presente e futura do educando. Tal envolvimento é facilmente atingido pelo afeto nas relações, nota-se que o trabalho do

docente, que está integrado emocionalmente, tanto com a matéria como com o aprendiz, certamente propicia melhores resultados, visto que consegue captar a motivação que se pretende alcançar.

Por fim venho então mapear uma visão do afeto/prazer e sua influência nos momentos de assimilação de novos conceitos. Assim como utilizamos a âncora para ter a certeza de que um barco não será perdido com os ventos que podem surgir no mar, em nossa escola precisamos também de âncoras que tomem mais firmes a ligação dos alunos com os conhecimentos lançados. Essa âncora da aprendizagem afirmo ser o afeto recebido junto à nova informação, que acaba por unir receptor e emissor de conhecimento, propiciando a confiança necessária para que a aprendizagem aconteça de fato.

*afeto de frase?* Identificando, então, que a falta de afetividade nas relações que estabelecemos no local em que trabalhamos ou estudamos, <sup>?? ausência ??</sup> leva a ausência da motivação de estar ali. Devemos pensar que tal ausência influencia até mesmo em fatores como a evasão escolar, por exemplo, que está totalmente ligada à questão da motivação, pois pode causar maior dificuldade para o aluno ao ter que superar obstáculos que a classe mais pobre normalmente enfrenta para se manter na escola, como a fome e a dificuldade financeira na família. Portanto o laço que liga aprendizagem ao ato afetivo certamente é de uma amplitude que exige reflexões, que deixem claro o quanto é relevante o afeto entre professor e aluno.

## 1.2 A importância do afeto na relação professor - aluno:

Tomando por princípio a ser investigado o fato do afeto não se constituir como foco de preocupações da escola, consideramos como de primordial importância trazer esta questão ao debate neste trabalho monográfico pelo muito que este pode influenciar na relação professor aluno. De início destaco uma das muitas narrativas de das professoras analisadas, indicativas do quanto ela compreende a importância de maior afetividade e amorosidade no trato com seus alunos:



*"- Não adianta gritar, brigar, quanto mais você fala, para ficar quieto e ameaça, mais coisas ele faz de errado, sabe como ele fica numa boa, quando falo só com ele, baixinho, que eu gosto muito dele, que eu sei que ele vai melhorar... Aí ele até faz os trabalhos". (Narrativa colhida em debate sobre a temática em oficina: 2003)*

Este discurso proferido por uma professora recém chegada a uma turma de 1ª série, que apresenta sérios problemas de indisciplina, se refere ao aluno mais ativo da turma, aquele que reage com agressividade quando é chamada atenção de forma autoritária ou quase. Ela nos fala de suas estratégias para se relacionar melhor com ele. A partir da narrativa podemos compreender com clareza como a afetividade deveria ser presença constante na sala de aula, tanto em momentos de êxito como nos de fracasso escolar, segundo o que observamos do relato. Por exemplo, percebemos que a maneira encontrada pela professora para lidar com a situação-problema em que se encontrava foi ~~o~~ apelar para o afeto, a conversa e o resgate da confiança daquele aluno, o que acabou gerando para ela resultados positivos. Por isso, cabe-nos indicar a extrema necessidade de não negligenciar o que há de positivo no relacionamento professor aluno que é tomado pelo afeto.

São inúmeras as possibilidades de inserir a afetividade no cotidiano escolar por meio das práticas docentes. Paulo Freire que muito nos fala da amorosidade no ato de ensinar, em vários de seus livros vem demarcando os diversos caminhos para que o professor se relacione mais afetivamente com seus alunos. Um dos exemplos que destaco neste trabalho é a simples atitude de receber e estar com uma turma dando valor relevante às suas opiniões e vivências.

O educador que respeita os conhecimentos trazidos pelos alunos, e que foram a base de seus conceitos previamente construídos até então, já está se relacionando afetivamente com sua turma. Afinal, considerar o outro, sua posição na sociedade e na instituição escola, seus saberes sociais enquanto indivíduo pertencente a uma cultura ou um grupo singular é, antes de tudo, um gesto afetivo.

Em seu livro: Pedagogia da autonomia (1996), Paulo Freire demarca exatamente essa questão acima citada, referindo-se aos conhecimentos acumulados pelos alunos por meio de suas vivências particulares, antes mesmo de entrarem na escola. Deixa clara a importância de o professor estar sempre respeitando seu aluno, suas experiências e sabedoria. Nosso grande educador vai além do respeito a que me refiro,

descreve o gesto afetivo como ligado ao conhecimento e ao saber como dever da escola, mas demarca o aproveitamento desses conhecimentos em relação aos conteúdos como ato afetivo maior e superior. A citação abaixo exemplifica o que vem sendo afirmado:

*"Pensar certo, coloca a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos chegam a ela, (...) mas também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com ensino dos conteúdos (...). Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? Porque, dirá um educador reacionário e pragmático, a escola não tem nada a ver com isso." (Paulo Freire, 1996, p 33).*

No mesmo livro citado acima, Paulo Freire nos faz pensar em uma questão que é a base das teorias foucaultianas que estudamos, a disciplinação dos corpos, daí a junção dessas análises teóricas nesta pesquisa. Refletir a realidade das salas de aula hoje, nos possibilita vivenciar na prática as teorias de Foucault sobre as formas de controle de um determinado grupo por meio do monitoramento dos corpos. A exemplo cito: cadeiras sempre enfileiradas, tabladados para os professores, medo dos professores e não respeito, o controle chega até mesmo a formas de elaboração de trabalhos, nos quais os alunos na maioria das vezes não têm autonomia para a criação e invenção. Tal comportamento observado em alguns professores passa distante do cultivo da humildade que se consegue por meio do desenvolvimento da amorosidade em si mesmo, como propõe Paulo Freire, pois como assistimos até mesmo em nossas salas de aula na universidade um número substantivos deles, tomam-se cada vez mais arrogantes com seus alunos e disciplinadores, cheios do autoritarismo proveniente do saber que assumem em sua dominância.

As conclusões que aqui fazemos analisando o afeto, o professor e o aluno são sustentados não só por teorias que tratam das relações interpessoais de um modo geral, mas principalmente pelos discursos e narrativas que dão suporte a esta pesquisa.

A exemplo do que está sendo afirmado no capítulo em questão, cito os dados<sup>2</sup> de uma pequena pesquisa quantitativa que realizei em duas escolas privadas do Rio de Janeiro: perguntado aos alunos da 5ª série do Ensino Fundamental, sobre a preferência por disciplinas e professores separadamente, constatamos que em uma das escolas, denominada escola B, a rejeição pela disciplina matemática aparece em grande número, porém diferente do que esperávamos, na escola A houve uma preferência pela mesma matéria. Conversando com a direção da escola e analisando os questionários que falam dos professores preferidos, verificamos que o professor de matemática, da escola A, era o que mais havia conquistado a apreciação dos alunos, fato que pode comprovar que definir o gostar ou não de uma disciplina, tem íntima ligação com a relação afetiva que a turma estabelece com o professor desta ou daquela matéria.

Como vemos o assunto em questão não pode ser desprezado quando tratamos da formação continuada do professor, pois é preciso que ele seja estimulado a entender os mecanismos que nos construíram tal qual somos para melhor compreendermos as circunstâncias que nos cercam e possibilitarmos a mudança.

Um outro dado que fortalece esta hipótese, é o fato dos alunos da escola A escolherem português como a matéria mais difícil, enquanto que os alunos da outra escola escolherem-na como a mais fácil. Percebemos também muitas reclamações sobre essa professora, segundo os dados, ela era autoritária, gritava muito e tirava pontos, o que para nós explica a rejeição por sua disciplina nessa escola. O fato é tão marcante que verificamos que 70% dos alunos rejeitaram a disciplina de Português e, em uma conversa informal com a turma, acabei sabendo que o apelido dado a essa professora é de "<sup>?</sup>Regina a Bruxa".

*este é o nome da professora?  
Alha a itica! (concordo Pat)!!!*

<sup>2</sup> Questionários que contém narrativas, em anexo.

Quadro Estatístico - Pesquisa sobre preferência de professores e disciplinas	
<b>ESCOLA - A</b>	
<b>Disciplinas Rejeitadas</b>	<b>Professores Rejeitados</b>
Português 70%	Português 90%
Redação 30%	Inglês 10%
<b>Disciplina Preferida</b>	<b>Professores Preferidos</b>
Matemática 60%	Matemática 75%
História 30%	História 25%
Inglês 10%	
<b>ESCOLA - B</b>	
<b>Disciplinas Rejeitadas</b>	<b>Professores Rejeitados</b>
Matemática 60%	Matemática 70%
Inglês 30%	Inglês 30%
Ciências 10%	
<b>Disciplinas Preferidas</b>	<b>Professores Preferidos</b>
Português 80%	Português 95%
Geografia 20%	História 5%

Casos isolados como estes, nos dizem muito do cotidiano escolar, pois com eles estamos tentando perceber o outro lado que, na maioria das vezes, é ignorado - a visão do aluno e os seus relacionamentos com seus professores. Face ao apresentado é possível compreender a influência que a afetividade, no momento da aprendizagem, pode tornar-se aliada do professor, pois tanto faz que o aluno esteja aberto e melhor receba o professor e os conteúdos, como permite ao educador estar em crescimento harmônico com sua turma, tendo em vista que por meio de uma relação mais afetiva do que autoritária, não haverá o detentor do saber e o receptor, mas sim uma contínua troca e reformulação de ambos, na qual professor e aluno passam a ser sujeito-objeto no processo de ensino e aprendizagem, termo utilizado por Paulo Freire, que será destrinchado no capítulo IV.

Finalizando este capítulo descrevo a fala de uma professora universitária do curso de Pedagogia, ao discursar sobre o papel importante do professor na sala de aula, e como a aprendizagem pode ser diferenciada dependendo do professor que está ensinando:

*-"Eu penso que a questão da sensibilidade realmente faz a diferença, se é dom, vocação ou prazer pelo que faz, eu não sei". ( Profª Maria Helena, 2004, UNIRIO).*

Em nossa prática percebemos que esse discurso é comum entre os agentes da educação, a grande maioria consegue julgar moralmente sua prática educativa vinculada à necessidade de afeto e tem consciência de como proceder para que melhores resultados sejam alcançados em níveis gerais para nossa sociedade. A dificuldade provém dos processos de subjetivação dos professores, que deixam marcas, cheias do poder em exercício como já mencionamos. Para melhores esclarecimentos analisaremos alguns desses processos mais à frente a partir de uma abordagem elaborada por Michel Foucault: "*dessujeitar os sujeitos*" e para melhor entendermos a dificuldade de vivenciar a sensibilidade na sala de aula.

### **1.3 O prazer, o saber e o poder nas relações escolares:**

Em relação ao prazer, sobre o qual viemos discutimos, o filósofo Michel Foucault pode nos acrescentar uma visão mais aprofundada do mesmo se analisarmos seus escritos voltados às idéias do uso dos prazeres.

Primeiramente ressaltamos uma questão muito valorizada por Foucault em suas análises sobre o tema e que se circunscrevem aos debates sobre a sexualidade, remetendo nossas reflexões tudo aquilo que liga afeto e prazer a uma história da sexualidade humana. É neste momento que começamos a entender o que vimos estudando em nosso grupo - as teses de Foucault sobre os poderes e saberes e como estes se associam a uma vontade de saber presente nas instituições e nos instituídos, - tudo muito preso ao exercício de poderes. Percebemos, por exemplo, que a curiosidade e os questionamentos que acompanham os processos pelos quais nossa sexualidade se constrói, são/estão impregnados de controle e dominação. Com a citação abaixo, podemos compreender alguns dos caminhos trilhados por Foucault para afirmar ao estudar o modo como os indivíduos começam a perceber sua sexualidade e a atentar para suas formas de desejo.

*"Não me refiro a fazer uma história das concepções sucessivas do desejo, da concupiscência ou da libido, mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção e eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos do desejo..." (Foucault, 1984, p11)<sup>3</sup>.*

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

Foucault faz crítica às formas de controle da sexualidade, porém sem se referir às políticas que regem o autoritarismo, trata<sup>ndo</sup> do poder que provém de todas as instituições e pessoas. Para o autor existe uma micropolítica de poder, fazendo com que a sexualidade humana seja controlada por artifícios que se encontram disfarçados entre a sociedade, o que envolve também os discursos, seus *não ditos* e a busca pelo conhecimento como meios pelos quais a imposição de comportamentos ocorre de forma sucinta.

A vontade de saber, ou seja, os investimentos em conhecimentos que envolvem a sexualidade e as formas de prazer, têm uma razão de acontecer em um determinado momento histórico. Se considerarmos que o saber e o poder caminham em paralelo, entenderemos a vontade de saber como forma de controle. Sendo assim toda dominação e controle estão vinculados ao conhecimento, o que explica o fato de começarem a surgir questionamentos <sup>sobre</sup> das formas de prazer, <sup>por que</sup> pois o prazer em nossa sociedade precisa ser justificado, o porquê de sentir prazer, e até mesmo, o porquê dos corpos e dos caminhos que estes percorrem para atingir prazer precisam ser disciplinados e controlados. confuso

Tal definição defendida por Foucault, expressa para nós a dificuldade de viver o prazer no cotidiano da escola tanto para o professor como para o aluno como uma sensação natural, e que não precisa responder a questionamentos que a justifiquem. Concluímos que a disciplina dos corpos e das formas de prazer por meio do saber, acabam danificando as sensações dos indivíduos, padronizando-as e limitando-as.

Estudamos as noções de prazer para melhor compreender a dificuldade geral de exercermos nossa liberdade enquanto sujeitos de verdade. Foi questionando as lógicas que nos são impostas, que começamos a perceber o prazer se distanciando da escola nas formas de existir dos indivíduos que a compõe, o professor e o aluno. Ambos estão no ambiente escolar de forma mecanizada como já foi explicado, com esses estudos passamos a criar novas maneiras de enxergar o mundo e novas "estéticas de existência" se vão construindo diante de nós, como sendo possíveis de acontecer a partir do momento que temos consciência do poder que vem sendo exercido sobre nós.

Traçando o caminho que nos fez identificar o que limita o prazer dos indivíduos, identificamos essa dificuldade do professor e do aluno em estar na escola de forma

prazerosa como reflexo de exercícios de poder dos dominantes em nossa sociedade. Sendo assim, é preciso refletir agora sobre a importância desse resgate que propomos, dos prazeres podados, pois é por meio destes, que conseguiremos dar o primeiro passo rumo à escola mais humanizada, escola que almejamos e na qual prazer e o afeto conquistarão seus lugares e no momento em que professor e aluno conseguirem vivenciar sua liberdade de existência. Na tentativa de buscar a afetividade de que falo, devemos compreender a importância da mesma para os aspectos gerais da educação, como veremos a seguir, voltando a Paulo Freire e suas concepções de escola e de mundo com base na amorosidade e no afeto entre todos.

## Capítulo II

### A PRÁTICA EDUCATIVA E A AMOROSIDADE NA VISÃO DE PAULO FREIRE

#### 2.1 – “Ensinar Exige...”:

*“Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem”. (Paulo Freire, 1996 p75).*

Como citei na introdução, o autor a quem me refiro neste capítulo, Paulo Freire, foi quem muito contribuiu para que as idéias e conceitos que transcrevo hoje começassem a “estrelar” em minhas concepções sobre educação. O autor que nos fala bastante da tarefa do educador, enquanto formador de opiniões, e da amorosidade que deve transmitir ao exercer sua tarefa, deixou demarcado de maneira explícita em seus escritos a preocupação com o relacionamento entre professores e alunos.

As diversas idéias inovadoras e os novos olhares implantados pelo autor ao pensamento educacional, desde aqueles que tratam da pedagogia do oprimido; as técnicas de alfabetização até a educação de adultos traduzem, nas entrelinhas e também de forma bem clara, como veremos na citação abaixo, a intenção do autor em tratar o afeto como parte imprescindível a qualquer prática educativa, sendo dentro ou

fora da escola e, ainda, desmistificar a postura de autoritarismo idealizada pelo professor, que não percebe o afeto como o caminho mais fácil e produtivo para a conquista de uma turma.

É nesse contexto da afetividade que começo a entrelaçar as teorias desse ilustre educador com a análise final que o filósofo Michel Foucault nos possibilitou realizar, em relação à amizade. E assim, refletir sobre a postura do professor/professora no seu relacionamento com os alunos, <sup>P</sup> para melhor entendimento cito Paulo Freire:

*“Na verdade preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e cinzento me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade”.* (Paulo Freire, 1996, p.160)

Ao perguntar sobre Paulo Freire certamente nos falarão de um educador preocupado com a grande massa popular que não tem oportunidades de acesso e permanência aos bens sociais em nosso país, e sendo assim, como um dos poucos escritores educadores que refletem sobre uma educação aos moldes dessa realidade. No entanto, suas abordagens em relação à natureza humana e a vida em sociedade foi o que me fizeram inserir o autor no presente trabalho, suas contribuições para a educação ainda não pensada, a educação (do ou para o?) oprimido, são de grande valor, porém como venho falando do afeto na educação e considerando todo resgate realizado das influências sociais que as novas tecnologias exercem sobre o comportamento humano, darei maior ênfase a uma outra marca freiriana: seu debate em torno da “ética universal dos seres humanos”.

Jamais poderei passar por Paulo Freire sem ressaltar a questão maior trazida pelo autor sobre o fazer e pensar dos homens e mulheres, <sup>o que</sup> ~~e~~ mesmo propõe uma ética da dignidade e justiça, das atitudes mais humanas e solidárias possíveis, quando diz:

*“Falo da ética que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer (...) soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente (...)”.* (Paulo Freire, 1996, p 17)



Paulo Freire!
 Sendo assim, baseados na ampla proposta de luta por essa ética, que o autor nos traz e que nesse mesmo sentido muito se aproxima de Foucault<sup>4</sup> e, explicando ainda que a melhor forma de defendê-la é vivenciando-a em nossa prática e, assim, testemunhá-la aos educandos, venho enfatizar a problemática dos relacionamentos interpessoais, que encontram-se desencontrados <sup>explicar</sup> ou assimétricos, sem um ponto referencial ou pior ainda, baseada em éticas que visam o lucro o capital e não o homem em sua constituição subjetiva.

Deste modo, referenciando Paulo Freire, falo de uma ética universal dos seres humanos, e proponho a vigência da mesma por parte dos docentes como primeiro passo rumo à "humanização da humanidade", por meio da escola.

Sabemos que as relações humanas em nossa sociedade estão cada vez mais prejudicadas, <sup>P</sup> por diversos motivos as pessoas encontram dificuldades de se relacionarem com o outro, de ouvir e, até mesmo, dialogar. O individualismo vem nos rodeando há tempos, e torna-se cada vez mais presente em nossos hábitos cotidianos. Deste modo, devemos considerar esse reflexo social dentro da escola, e portanto realizar uma reflexão sobre a afetividade e o relacionamento professor-aluno, considerando a educação como a maior vítima dessas relações distanciadas, tendo em vista o que foi mencionado sobre os *déficits* de aprendizagem diretamente ligados aos relacionamentos.

São inúmeras as possibilidades citadas por Paulo Freire para que o ato de ensinar vinculado a aprendizagem possa se tornar mais afetivo e inundado pela amorosidade. O autor vê o **diálogo como a maneira de fugir do educador bancário**, que lança conteúdos e não considera o outro para o momento de recebê-los, a busca por uma relação de diálogo na qual a interação acontece, traduz a decisão de comprometimento, seguindo este pensar Paulo Freire em **Pedagogia do oprimido**, (1987), nos define o amor para a educação assegurando que o ato de amor está no simples fato de comprometer-se com a causa dos oprimidos/alunos.

Exemplificando o que foi dito acima destaco uma dinâmica, realizada com o grupo de Orientadores em Queimados, e algumas falas que a acompanham, que

<sup>4</sup> A ética para Foucault é a constituição do indivíduo como sujeito moral, tendo a ascese (o exercício do pensamento de si mesmo) como elemento imprescindível para essa autoconstituição do sujeito. (Ortega, 1999, p. 70).

podem confirmar na prática toda teoria sobre a importância de perceber o aluno e interagir com o mesmo considerando suas emoções, para obter melhores resultados na recepção dos conteúdos.

A dinâmica foi realizada em uma roda onde todos estavam de mãos dadas e deveriam passar uma seqüência de apertos de mão que circulasse até chegar a pessoa que o emitiu, a intenção era fazer com que a seqüência não se modificasse no caminho, porém o esperado não aconteceu, a brincadeira se repetiu várias vezes na tentativa de acerto e os apertos de mão chegavam ao final totalmente diferentes de como começaram. Algumas falas tentaram explicar o motivo dos erros fazendo uma ligação com a realidade vivida pelos alunos e professores na sala de aula que retratavam um pouco dos desentendimentos nas trocas de informações por falta de diálogo:

*"- a gente pode pensar nesse desencontro quando a gente está lá na frente crente que está abafando, nós vimos que tentamos, tentamos e não chegamos a um denominador comum, e na sala de aula é assim temos que dar o conteúdo de várias formas para atingir o aluno e perceber porque que a gente está falando e ele não está entendendo, tem que ter diálogo." (Narrativa colhida em debate sobre a temática em oficina – 2004).*

Conclui-se com isto a relevância do que Paulo Freire nos fala sobre a importância do diálogo, somente por meio desse contato com os alunos é que poderemos percebe-los e, assim, compreender se realmente estamos falando a sua "língua" e principalmente se estamos atingindo suas expectativas e não as nossas vontades. No próximo capítulo estudaremos as origens das dificuldades que os professores enfrentam para se relacionarem mais afetivamente, e os fatores que acabam impedindo essa relação de diálogo a que me refiro.

## Capítulo III:

### MEMORIAS, DISCURSOS E PRATICAS EDUCATIVAS: REFLETINDO SOBRE AS MARCAS DE SUBJETIVIDADE DOS DOCENTES

#### 3.1 – Memórias e discursos um encontro com o presente:

Defender a educação com afeto e pelo afeto não foi o que mais marcou esta pesquisa. Este trabalho começa a ter maior significado e eficácia, no momento em que buscar os caminhos para o afeto passou a nos fazer caminhar sobre trilhos ainda não pensados. Refiro-me aos conceitos que respaldam as inquietações que tento causar. Pensando em deixar aqui registradas maneiras de fazer diferente<sup>s</sup>, o que não determina serem estas as melhores, mapeamos estratégias e chegamos a certeza de que o melhor início está no trabalho de conhecimento de si mesmo para uma melhor relação com o outro. (*ética de Foucault?*)

Seguindo na reflexão sobre o percurso ao encontro do professor que está em nós; querendo conhecer a fundo o profissional que está na sala de aula, para o fim de que este se encontre no que ele representa hoje enquanto educador; dedicamos nossos esforços ao trabalho com as memórias <sup>5. quais? de quem?</sup>

Conscientes de que é por meio delas que nos deparamos com os enigmas e inseguranças de nossa infância e adolescência, <sup>pat. poderis sim, tomar a referir-se o E, DP</sup> ~~que estão presentes em nós,~~ até os dias atuais. Almejamos assim que o professor consiga se encontrar em suas falas, e que as mesmas transformem-se em esclarecimentos sobre sua forma de existir no passado e no presente. Por meio deste trabalho mostramos aos professores que conosco participaram de oficinas e atividades de meditação, que a reconciliação e o encontro com o passado carregam possibilidades de melhora na qualidade de sua tarefa educativa. <sup>do pois não longe</sup>

<sup>5</sup> Memória não é um núcleo compacto e impenetrável para o pensamento e a linguagem, é processo elaborado no tempo histórico. Portelli, 1996, p.109.

Deste modo, as teorias de Michel Foucault sobre o poder dos discursos são as que mais nos acompanharam na investigação das profundezas de nós mesmos, estudando o quanto pode ser revelador um discurso ou uma simples narrativa do cotidiano, realizamos nossas investigações através das falas que contam memórias de vida, tentando conhecer mais profundamente e historicamente os processos formadores da subjetividade dos professores. Foi por meio da genealogia, ou seja, buscando a gênese dos atos por meio das falas, que propomos o primeiro passo rumo ao ensino pelo afeto. Este trabalho de investigação das memórias aborda assim questões como: o poder, o discurso, seus não ditos e a arque genealogia. Para isso falaremos um pouco sobre cada um desses tópicos.

Trabalhando com os processos da construção da subjetividade do professor, por meio das narrativas e discursos recolhidos, conseguimos ir desmascarando parte dos poderes socialmente construídos implícitos na maneira que o professor faz educação. Portanto, lembrando Foucault como o filósofo que, como outros de sua linha de pensamento pensam em *desconstruir as lógicas universalistas que são imanentes aos nossos discursos*, começaremos a compreender sua forte influência neste trabalho de pesquisa. Com a citação abaixo, voltaremos nosso pensamento para o que este nos fala em relação ao poder que a civilização há muito vem tendo sobre a sociedade.

*"Não se trata de fazer aqui a história das diversas instituições disciplinares (...) Mas de localizar apenas algumas das técnicas essenciais (...) técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma microfísica do poder; e porque não cessaram, desde o século XVII, de ganhar campos cada vez mais vastos, como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro". (Foucault, 1999, p.128)*

Com a citação acima percebemos que por meio de regulamentos e estratégias de controle que utilizam os corpos como teia para a docilização dos indivíduos, somos a todo o momento controlados por minúcias e por uma política que valoriza o detalhe e o individual como método facilitador do exercício de poder sobre a sociedade. Certamente, identificando que o poder não é somente negatividade como assume Foucault, em *A Microfísica do Poder* (1979) não pretendemos de forma alguma centralizá-lo como fonte de todas as maldades, deixando de lado a importância do

mesmo para o caminhar de qualquer comunidade, <sup>o</sup> que estudamos e analisamos de maneira mais crítica é a invisibilidade provocada por estratégias de dominação que tentam camuflá-lo, aumentando sua eficácia pelo autoritarismo. Estudamos Foucault com a intenção primeira de sustentar com suas teorias a luta por "desuniformizar" o professor e a sala de aula. Deste modo, as leituras de Vigiar e Punir, nos explicam sobre as cercas criadas pela disciplina para a organização dos corpos, Foucault muito nos faz pensar sobre o sujeitamento dos indivíduos, que são postos em quadrados sociais invisíveis, ou seja, sem que estas demarcações e discriminações estejam ditas de forma clara e evidente.

Com este entendimento em relação ao poder exercido sobre os corpos e a crítica sobre sua invisibilidade, voltamos à escola, ou melhor, ao professor. É por essa linha epistemológica, falando do des<sup>s</sup>ujeitamento, ou seja, rompendo com nossas identidades congeladas, que o teórico nos mostra a possibilidade da libertação do professor dos quadrados que determinam suas atitudes e conceitos, por meio do reencontro consigo mesmo. Assim seguindo Foucault na busca pela fuga da ordem, desordem esta que para nós possui sentido positivo e progressista, visto que seguindo a ordem que nos é colocada, permanecemos sujeitados a um outro que discursa nos disciplinando.

Tendo o discurso como foco principal nos relatos das memórias, sabemos o quanto estas são reveladoras, pois por meio delas conseguimos estar em contato com as angústias passadas que muitas vezes permanecem em nós. Durante diversas atividades que realizamos com o grupo de professores e orientadores educacionais do Município de Queimados constatamos enorme dificuldade em lidar com os fatos já passados, e como são presentes as emoções que retornam as pessoas no momento de revivê-los. Este trabalho chamado por Foucault de genealogia, que como foi explicado anteriormente, objetiva o encontro com a gênese, ou seja, buscar a origem dos fatos muitas vezes escondidas nas profundezas de seus discursos, tem nos ajudado muito na leitura dos não-ditos do discurso dos professores.

Vimos o relato das memórias como a abertura mais atualizada de si mesmo, pois é por meio delas que, resgatando o que aconteceu em um tempo passado, acabamos deixando transparecer tudo que constituiu, nossa maneira de pensar e agir hoje sob

acho que Foucault não concordaria com esta afirmação

influências do ontem. Começa-se a conhecer os processos que deram origem a nossa subjetividade, com maior transparência, a memória passa a ser o caminho mais curto para a investigação mais real de quem somos, para que ela se transforme em linguagem, antes é fecundada por nossas emoções e pensamentos, e deste modo modificada ~~à~~ nossa maneira de ser e estar na atualidade, a memória, contudo, torna-se um encontro com o presente.

para simplificar!

Conceber o discurso como um conjunto de enunciações que se transformam em práticas lingüísticas que se associam ao poder, como argumenta Foucault em A ordem do discurso (1971), nos faz entender melhor a questão do discurso vinculado ao nosso trabalho de investigação. Pensando assim, percebemos que é por meio da fala que o discurso acaba sendo rompido, ou seja, todo jogo de poder que constitui o belo discurso do profissional de educação, vai sendo desmascarado no momento em que o professor começa a desvendar suas marcas do passado, que revelam seus processos de subjetivação:

não está na bibliografia

Para uma melhor compreensão cito Vygotski: "Uma palavra já é um conceito", através desta afirmação podemos pensar as falas dos professores como reveladoras de toda historicidade que os constitui como sujeitos sociais. Daí podemos refletir sobre a dificuldade de rompimento total com os discursos passados que ainda se encontram em nós. Uma narrativa de uma Orientadora Educacional de Queimados pode ser destacada para salientar a questão dos conceitos que realmente se fazem presentes nos discursos:

*"- Eu tinha que chamar a atenção dele, mas eu olhei para ele e antes de brigar eu senti pena, peguei a mão dele assim, puxei a cadeira e simplesmente falei, você é uma gracinha, ainda tem tempo para você se recuperar, estava acontecendo tanta coisa ruim que eu olhei para ele um tantinho de nada sem saber o que eu estava fazendo, eu chorei porque vi que a gente tem que olhar esse péssimo aluno como ser humano não só aluno".(narrativa colhida em debate sobre o tema, 2004).*

Esta fala pretendia nos contar sobre uma atitude tomada que a princípio parecia não ter sido correta, característica que ficou clara quando ela diz que não sabia nem o que estava fazendo. Sabemos que há na educação hoje, uma valorização do educador mais rígido aquele que causa medo e, assim, consegue controlar a indisciplina. Este conceito é tão presente que a orientadora pensou estar fora dos padrões esperados

para recepcionar um aluno indisciplinado em sua sala. As palavras e tonicidade desse discurso acabam confirmando realmente os conceitos de quem o emitiu, de que ao agir com a emoção estaria procedendo de forma errada.

Buscando sempre caminhos que permitam refletir sobre a afetividade na escola, passamos por diversos estudos que deixam comprovada a amplitude das influências que o professor sofre enquanto sujeito, e que determinam sua forma de existir. Sendo assim, refletiremos a seguir, mais profundamente sobre essas marcas e processos que elaboram o sujeito que somos.

### 3.2 - Práticas educativas revelando as marcas de subjetividade:

Evidenciar conceitos, em relação à importância das marcas de subjetividade dos indivíduos, requer um resgate mais amplo da visão de subjetividade que compartilhamos neste trabalho, baseados em Foucault. Portanto, definirei alguns conceitos basilares rumo a melhor compreensão das idéias que aqui serão expostas.

Iniciando, cito Foucault ao responder sobre o que seria o sujeito: "(...) é a experiência, que é racionalizada de um processo, ele próprio provisório, que culmina em um sujeito ou, antes, em sujeitos"<sup>6</sup>.

Assim, considerando que a subjetividade é composta por processos que acabam nos constituindo enquanto sujeitos que somos, aceitamo-nos como influenciados por diferentes e diversos processos mentais, sensitivos e corporais, que mesmo passados, permanecem fortemente presentes em nós. Para melhor entender a importância da "elaboração" do sujeito, podemos remeter nosso pensamento, rapidamente, ao que foi explicado neste mesmo capítulo, no tópico acima descrito, já que nosso trabalho de investigação consiste, como anunciado no resgate desses processos, estes que nos constituíram sujeitos, almejando o desvelamento, ainda que parcial, das marcas de nossa subjetividade para que de posse delas pelo conhecimento efetivos de seus efeitos e modos de atuação, passemos a ter o poder e o controle sobre as mesmas, a fim de nos desasujeitarmos. Deste modo, buscando as estratégias que

para sempre desuman!

<sup>6</sup> Ver, ORTEGA Francisco. Amizade e a estética da existência – Rio de Janeiro 1999, p.15.

nos sujeitaram, ou melhor, aquelas que nos construíram como sujeito que somos hoje, possibilitaremos o romper barreiras de modo a traçarmos novas formas de existir.

Ao tratar da subjetividade Foucault nos faz perceber a relação que a mesma tem com a sexualidade, o que pode explicar o fato deste trabalho de pesquisa ter sido inserido em um projeto maior que discute a sexualidade com base em Michel Foucault, o projeto: "NEXUS E SEXUS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO DOCENTE". A autoconsciência, que propomos como caminho de identificação das marcas de subjetividade que impedem os professores de se relacionarem mais afetivamente na sala de aula, pode surgir por meio de um resgate da história de nossa sexualidade e dos processos que a envolvem. Nesta perspectiva, são muitas as teorias em torno desse resgate que nos auxiliam no exercício das práticas de si, considerando que a recuperação de nosso passado nos dá a chance de construir a diferença em direção ao presente e ao futuro, daí propomos o trabalho de resgate de memórias, como meio de identificar tais marcas.

Participando de dinâmicas diversas os professores que participaram de nossa pesquisa etnográfica em Queimados, observamos o quanto aquelas puderam resgatar no/na professor/professora que eles são hoje, os alunos que foram há anos passados. Este trabalho se reveste como uma maneira de lutar contra a repetição de modelos educacionais vividos por eles, querendo destrinchar os processos que formaram o sujeito professor/professora a fim de melhor contribuir com os novos processos que constituirão os sujeitos que se encontram na sala de aula como alunos.

Argumentando em defesa da relação que o passado tem com nosso momento presente, venho citar uma dinâmica realizada em uma das Reuniões Pedagógicas da escola Metodista de Queimados com os professores e orientadores. Nesta atividade, os professores passaram por uma experiência de meditação e resgate das memórias que envolviam os relacionamentos com seus familiares enquanto eram crianças e depois na adolescência. Percebemos uma imensa dificuldade na hora de relatar para o grupo o que havia recordado, muitos não queriam falar e não conseguiam pois, tamanha foi a emoção que envolveu seu discurso, outros não queriam nem falar sobre suas memórias. Deste modo, verificamos como são presentes as marcas do que vivemos em um tempo passado, ao contá-las estamos revivendo-as com as frustrações e sensações



do momento atual e por isso torna-se tão difícil falar, por tudo isso é que precisamos desmascará-las a fim de que se tornem mais claras para nós, facilitando o exercício sobre a influência que as mesmas deixaram em nós.

Ao trabalhar com a identificação das marcas, o professor conta com a possibilidade de estar aprendendo a fazer diferente e refazer seus próprios percursos e, por fim, se reformular enquanto sujeito, com a intenção primeira de melhor contribuir para a formação do outro.

É importante a preocupação em torno do que nossos alunos levarão de nós para sua formação. Na prática percebemos o quanto é forte e marcante a atuação do profissional de educação no momento da formulação de conceitos morais e padrões estabelecidos pelos alunos, por isso o intenso debate em torno das marcas que foram deixadas no professor, com a intenção da não repetição do mesmo processo em seus alunos.

Em nossos encontros com os orientadores educacionais em Queimados, múltiplas foram as narrativas que nos fizeram ter a certeza que mesmo negando as marcas deixadas em nós, ou seja, ao identificá-las o professor normalmente recrimina, mas em sua prática seu discurso acaba sendo rompido e esta acaba se mostrando com parte integrante do sujeito, e por isso tão difícil de ser modificada, vimos que as marcas inconscientemente falam em nós. Para que esses efeitos possam ser reduzidos valorizamos as técnicas de cuidado e conhecimento de si, tendo em vista que o aprimoramento de nós mesmos e a melhor organização dos pensamentos demandam um entrosamento consigo mesmo, a fim de conhecer para que a possibilidade de dominação possa surgir, e é por meio do discurso que conseguimos nos encontrar no que somos ou que representamos, visto que é através <sup>na</sup> da prática da linguagem que nos desvelamos.

Pensar em propostas que colaborem para a reformulação de nossa moral e ética a fim de permitir mudanças de comportamento que facilitem as relações com o outro, começamos a estudar os conceitos de Foucault sobre a amizade. Identificando-a como estratégia para a educação mais afetiva, pois pensamos na mesma como uma possibilidade que acaba por facilitar os relacionamentos entre professor e aluno, como veremos a seguir.

*explicar #*

*porque não?*

*para sempre tornam-se marcas!*

## Capítulo IV

### Michel Foucault e a noção de amizade.

#### 4.1 - Professor e aluno como sujeito e objeto mediatizados pela relação de amizade:

Pensando nas relações de poder que Foucault trata em seus livros: "Vigiar e Punir" e "A história da Sexualidade" fixamos nossos olhares no poder que os discursos carregam em si, como já foi mencionado em capítulo anterior, analisamos nesta pesquisa os não ditos do discurso, aquilo que está implícito, escondido. Foi por meio das investigações sobre as formas de se relacionar, que voltamos nossas reflexões para uma conhecida relação que os indivíduos estabelecem uns com os outros: a amizade<sup>7</sup>, que é real nas muitas sociedades que conhecemos, e se diferenciam muitas vezes por questões culturais, no entanto, não perdendo sua essência, que consiste na relação em que o um e o outro se tornem sujeitos frente à heteronomia<sup>8</sup> de um Grande Outro, como citou Jurandir Freire.

Entendendo a amizade como vínculo presente freqüentemente nas relações interpessoais, escolhi-a como sub-tema de pesquisa em âmbito educacional, foi mais do que uma paixão por sua representatividade surgiu na verdade por meio da visão de um modo de existir na relação com o outro, que os ditos de Michel Foucault sobre a amizade trouxeram a meu crescimento e ampliação de meus conhecimentos.

Tudo pôde se tornar mais claro ao considerarmos a visão trazida por Foucault sobre as influências que o poder tem com as relações interpessoais. Considerando as formas de controle social e, até mesmo, individual existente nos relacionamentos humanos, como vimos na "História da Sexualidade II", em que Foucault faz uma descrição histórica das formas de controle da sexualidade, até mesmo o prazer deveria seguir a códigos morais que eram estabelecidos, começamos a entender que a

<sup>7</sup> Ver (Ortega, 1999) "A amizade não é um dom nem uma promessa, a generosidade genérica, Relação incomensurável de um para o outro; ela está relacionada com o de fora na sua ruptura e na sua inacessibilidade." (Maurice Blanchot).

<sup>8</sup>Heteronomia – Desvio das leis normais; Estado da vontade que aceita passivamente ditames de autoridade exterior.

para grato  
praxe

colocar referência e explicar o "Grande Outro"

problemática que envolve as relações de poder não está voltada para os questionamentos das tentativas de controle, mas sim para a camuflagem desse poder que vem sendo exercido sob os indivíduos. O que Foucault nos acrescenta são as novas formas de utilização do exercício do poder em prol de nosso crescimento, ao falar das *des-dobras* que podemos realizar sobre o poder, a fim de curvá-lo para nossa direção interna, criando um poder sobre nós mesmos com o objetivo de se conhecer e se relacionar melhor.

A amizade veio para Foucault em seus últimos escritos, e deste modo ficou impedida de ter sua teoria mais desenvolvida e, até mesmo, finalizada. No entanto, o pouco que deixou de reflexões sobre amizade, tendo em vista que estes escritos foram, *inopportunamente* importunamente, podados por sua morte, nos fez enxergá-la como uma relação de livre escolha, na qual temos consciência do poder que se realizará em nós através do outro. Desta maneira a amizade seria uma forma de escapar desse controle. Essa afirmação pode ser sustentada pela seguinte citação de Foucault em relação ao poder e as relações humanas:

*"De fato, vivemos num mundo legal, social e institucional, no qual as únicas relações possíveis são extremamente limitadas, extremamente simplificadas e extremamente pobres. Naturalmente existem as relações de matrimônio e de família, mas quantas relações poderiam existir se fôssemos capazes de encontrar suas próprias leis não nas instituições, mas em outros portadores? O que evidentemente não acontece."* (ORTEGA, 1999, p. 170)

Vemos a amizade como uma oportunidade de estar escolhendo este relacionamento com o qual nos envolveremos, sem estar limitado às relações demarcadas pela sociedade o que nos propicia a sensação de liberdade de uma estratégia própria e não de um outro para nós. É importante ressaltar que ao tratar da amizade o autor em questão, tem seu discurso voltado para as relações homossexuais, tendo em vista que seus estudos, neste momento, estão voltados para a sexualidade e o uso do prazer. O que não impede que sejam feitas transposições aos outros tipos de relacionamentos que os indivíduos estabelecem dentro da sociedade de que se fala, visto a amplitude de suas palavras.

A amizade para Foucault, é uma fonte de prazer mútuo, pois trata das relações homossexuais como formas de existir que fogem das relações aceitas pela sociedade.

Transgredindo o que é institucional o matrimônio, família etc, o autor debate as novas formas de se relacionar em sociedade. Então a amizade funciona como uma válvula por onde diferentes tipos de relações podem ser criadas, como a amizade entre duas pessoas do mesmo sexo, tão discriminada.

A teoria de Foucault em torno da amizade tem sua base na busca por formas de existir que estejam além do que é institucional, assim essa possibilidade de criar uma nova existência, de que Foucault tanto nos fala, me atrai enquanto pesquisadora da área de educação. Se a todo o momento venho falando de um "fazer" que deve ser diferente do que se vem fazendo nas escolas, e ainda cito a busca por marcas da subjetividade do professor como estratégia de conhecimentos que o levem a mudança, porque não pensar nas linhas do pensamento foucaultiano, em uma nova "Estética da Existência" do professor, na escola com seus alunos.

As noções de amizade estudadas passam a ser, então os elos de ligação das teorias de Foucault, com os caminhos que traço para o relacionamento mais afetivo entre professor aluno. Essa visão mais profunda de seu significado e de como esta se estabelece nas relações interpessoais, permitiu-nos fazer análises importantíssimas sobre a amizade dentro da escola na relação professor aluno, principalmente se associadas às questões da amorosidade tratadas em Paulo Freire no capítulo II. Diversas discussões foram realizadas a favor das relações de amizade, como aquela que pode resgatar o prazer e o desejo de ensinar e aprender, ou simplesmente de estar no ambiente de ensino.

Por meio da amizade, haverá então a possibilidade de transformação das morais que fazem do professor disciplinador, autoritário e cheio de poder. Nessa relação professor e aluno passam a ser iguais em nível de aprendizagem, pois ambos estariam se reconstruindo a todo o momento e a cada vivência.

Fazer a ligação do que pode ser mudado quando o professor se relaciona mais afetivamente com seus alunos através da amizade, faz-me lembrar do que diz Paulo Freire sobre a condição de objeto que professor e aluno devem assumir na aprendizagem. O autor faz crítica a postura de sujeito do saber que muitas vezes é assumida pelo professor, e ressalta ainda o perigo que há de que este objeto de agora, possa amanhã se sentir na condição de sujeito, e dar continuidade a esse processo em

que o sujeito é aquele que sabe e transfere conhecimentos ao objeto em formação. Melhor explicando a relação que deve haver no ato de ensinar, Paulo Freire afirma:

*"(...) embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado". (Paulo Freire, 1996, p 25)*

Sendo assim, conscientes do papel que professor e aluno exercem no ato de ensinar, os professores precisam permitir que sejam tomados pelos artifícios de mudança que acontecem quando o relacionamento professor aluno são invadidos pela amizade, quebrando barreiras que os tornam distantes, desmarcando lugares sociais e desasujeitando-nos através do outro. Tal idéia pode ser sustentada por Jurandir Freire, ao falar da visão foucaultiana de amizade:

*Bibliografia?*

*"Na relação de amizade o poder não esconde sua cara. Pelo contrário, desvela ao sujeito sua condição de matéria prima para a renovação das relações interpessoais". (Jurandir Freire, 1999, p 12)*

Assim a amizade é o meio pelo qual nos modificamos e ao mesmo tempo estamos colaborando para a reelaboração do outro, e este poder sobre o outro é exercido de forma clara, tendo em vista que a relação de amizade é um dos caminhos não institucionais previamente consagrados pela sociedade, ou seja, nela temos livre arbítrio para escolher com quem dividir essa relação de poder evidente.

Por fim tudo que estudamos em relação às idéias de Foucault sobre amizade, muito nos ajudou no desenrolar deste trabalho de pesquisa. Uma visão mais profunda de seu significado e de como esta se estabelece nas relações interpessoais, permitiu-nos fazer análises importantíssimas sobre a amizade dentro na escola na relação professor-aluno. Diversas discussões foram realizadas a favor das relações de amizade, como aquela que pode resgatar o prazer e o desejo de ensinar e aprender, ou simplesmente de estar no ambiente de ensino.

## Considerações Finais

Estudar a afetividade demarcando sua importância, como foi feito neste trabalho, nos faz refletir sobre nossa própria prática enquanto professores, estando ou não dentro da sala de aula. É sempre produtivo analisar a prática educativa em sua efetivação e as diferentes formas que a mesma pode adquirir dependendo do professor que faz parte dela, de suas emoções e atitudes, como vimos. Portanto, pensando no professor e em seu predomínio na ação educativa, devemos ter em mente os compromissos sociais e emocionais que nos cabem enquanto portadores de responsabilidades (saberes e poderes) para com o(s) outro(s) e principais responsáveis pelos rumos e caminhos que nossa prática educativa pode traçar para a educação em nossa sociedade.

A escola deve ser vista como um local onde deve haver a troca de experiências e emoções entre os indivíduos que dela participam, e não apenas lugar de transferência de conhecimentos e informações, afinal é por meio dela, também, que nos constituímos enquanto sujeitos. Sendo assim, a afetividade é a primeira a ser incluída neste ambiente, para o fim de tornar as pessoas mais humanas e pouco individualistas, livres em suas verdades, o que facilitaria as relações interpessoais.

Certos da influência que o afeto, na relação professor aluno, tem sobre os rendimentos escolares, definimos o trabalho de conhecimento de si por parte dos docentes como proposta para melhoria desses laços afetivos tão importantes para os resultados do processo de ensino e aprendizagem. Uma das mais relevantes questões nessa busca pela educação afetiva é debater sobre o resgate do prazer de estar na sala de aula, passa a ser primordial ao buscarmos a educação mais afetiva. Visto que o prazer é imprescindível a qualquer tarefa educativa, elemento que deve ser despertado primeiro no professor, a ele caberá então transferi-lo aos alunos, em troca da motivação tão escassa nos educandos, atualmente. O desejo de aprender já adormecido na escola, encontra nas relações de afeto a possibilidade de ser revigorado no ambiente escola.

Analisando a dificuldade dos professores de estabelecer uma relação menos autoritária e hierárquica com seus alunos, estudamos muito Paulo Freire e seu conceito de amorosidade unido ao método de investigação Foucaultiano, exercitamos em nossa pesquisa etnográfica o resgate de memórias a fim de se deparar com as marcas do passado, atuando em nossas ações do agora.

Assim, diversas formas de discursos das OEs e OPs negavam essa dificuldade de que falamos, porém ao buscar as lembranças reconstruímos nossas memórias com toda carga emocional do momento, foi então que muitas marcas começam a ser desveladas por meio de narrativas, choros e desabafos, revelando o rompimento de todo discurso proferido. É neste momento que foram inseridas na pesquisa questões como: o cuidado de e o conhecimento de si, para melhor explicar a importância de se conhecer para poder dominar-se, considerando que pela elaboração da fala sobre nos mesmos permite a organização do sujeito existente em nós.

Na certeza de que o professor pode se relacionar de forma mais prazerosa e afetuosa com seus alunos para o fim de melhores rendimentos escolares e de vida futura ficou muito evidente na preocupação dos mesmos em torno das mudanças possíveis de acontecer em seu pensamento, atitudes e gestos, resgatando o ânimo próprio, para motivar até mesmo o outro.

Considerando as limitações dos indivíduos em relação ao afeto para com as pessoas que o cercam, refletimos muito sobre a questão do poder como forma de controle social, determinando comportamentos. Assim, tornando-se inevitável a investigação sobre nós mesmos para que revivendo-nos em nossas memórias os processos que marcaram nossa própria subjetividade, pudéssemos nos (re)conhecer, traçando novas formas de existir na tentativa de nos tornarmos mais livres enquanto sujeitos que somos.

Sabemos que as marcas deixadas, pelas questões religiosas e culturais, que induzem o professor ao autoritarismo e ao saber soberano, ampliam a distância entre estes e seus alunos. Romper com essas barreiras e discursos que nos (com)forma e que nos são impostos, pode parecer trabalhoso, no entanto, se faz possível nas relações afetivas que criamos com o(s) outro(s).

Como foi citado, no presente trabalho, é trilhando os caminhos da amizade que temos a possibilidade de mudança em nós mesmos. Considerando a qualidade afetiva desta forma de se relacionar, pensamos nela como proposta de rompimento das morais que habitam em nós e que dificultam a criação de laços afetivos.

A amizade representa para nós o contato entre um e outro, pelo qual admitimos as diferentes formas de existir desse mesmo outro, que nos possibilita elaborar novos conceitos e uma nova ética da existência humana, em tempos de violência e arbítrio.

Por meio da amizade, certamente, professores e alunos podem se relacionar mais afetivamente, encurtando a distância que os mantêm como sujeitos e objetos do saber. Nela as relações de poder permanecem, porém, desveladas em seu exercício sobre o outro, tomando por suporte desta argumentação a eficácia das relações afetivas no sentido daquilo que pretendemos atingir - **uma nova estética de existência** na vida, pela vida e na escola da qual esta não deve se apartar.



## Bibliografia

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de janeiro, Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Vigiar e Punir. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da costa. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de janeiro, Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. A Ordem do Discurso. 8ª. ed. São Paulo, Loyola, 2003.

ORTEGA Francisco. Amizade e a estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

PORTELLI, M. *O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum.*(in) Amado&Ferreira (Orgs). Usos & abusos da História Oral.RJ:Ed. FGV,1996, p.109

REIS, M. A. de Souza. (Re)invenção da escola pública: sexualidade e formação da jovem professora, Tese de Doutorado: Rio de Janeiro: UFF, 2002

**ANEXO I****Questionário entregue a duas turmas de 5ª série do Ensino Fundamental em diferentes escolas privadas do Rio de Janeiro:**▪ **Questões sobre as disciplinas:**

- 1 – Qual das disciplinas estudadas, você mais gosta?
- 2 – Qual disciplina você considera mais difícil?
- 3 – Qual disciplina você tem maiores notas?
- 4 – Qual disciplina sua nota ficou mais baixa?
- 5 – Qual disciplina você cancelaria se pudesse escolher uma para sair do seu horário escolar?

▪ **Questões sobre o professor: (escrever a matéria que é dada pelo professor)**

- 1 - Qual professor você considera mais rígido?
- 2 - Qual professor você considera mais compreensivo com a turma?
- 3 - Se fosse escolher quem seria seu professor preferido? Porque?
- 4 – Se pudesse escolher qual professor você mudaria na sua turma? Porque?
- 5 – Existe algum professor que você o considera amigo da turma? Qual e porque?



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Patrícia Infante Antunes.

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : "A afetividade de quem  
habita: memórias, marcas do processo de subjetividade."

ORIENTADOR : Prof.<sup>a</sup> Maria Amélia de S. Reis.

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: Sandra Albornaz de Medeiros.

Nota : 8,0 (oito)

Considerações Finais:

O tema escolhido foi usado, o que revela uma faceta da Patrícia. Quero apontar algumas questões:

- ① a metodologia utilizada encontra-se sem suporte teórico. Porque decidiu trabalhar com a etnologia?
- ② a questão da afetividade na relação prof-aluno ficou confundida com a noção de amorosidade (P. Freire) creio que são diferentes.
- ③ não concordo que a amizade seja um caminho possível para o cotidiano em sala de aula. Um professor não conseguiria ser amigo de todos. Prefiro a ideia de "cuidado", que foi mencionada mas pouco desenvolvida.

Espero que a Patrícia continue a estudar este tema instigante, pois há muito a ser discutido.

Sandra  
PS: River o Tamando das passas!!

Segundo avaliador : Professor orientador

Professor : Maria Amélia de S. Reis.

Nota: \_\_\_\_\_

Considerações Finais:

*ALUNA: PATRICIA INFANTE ANTUNES*

POR MARIA AMELIA DE SOUZA REIS (Orientadora)

Para avaliar o trabalho monográfico de **PATRICIA INFANTE ANTUNES**, como ela tão bem o faz em seus escritos, faz-se necessário lembrar Paulo Freire, esse grande educador brasileiro, com a sensibilidade que possuía em conhecer de perto, muito de perto, a natureza do que é ser professor e pesquisador com a preocupação insistente sobre as questões que envolvem as vidas dos trabalhadores, quer eles aprendentes ou ensinantes.

Como não posso distinguir as ações da pesquisa em Educação de suas práticas e experiências vivenciadas no cotidiano da escola e na história de vida das pessoas em seus movimentos de subjetivação, destaco o quanto Patrícia cresceu academicamente ao longo do seu trajeto no grupo de pesquisa e extensão universitárias. Seu trabalho monográfico é reflexo de tudo que realizou e estudou nos processos de ensino e pesquisa que já acompanho há pelo menos cinco semestres em nosso Curso de Pedagogia.

Avaliar Patrícia é avaliar também todo seu empenho e perseverança em compreender as teses de Foucault. Compreendeu-as dentro de suas possibilidades de leitora e estudiosa recente. Procurou compreender o filósofo em meio à sua ironia, em seu modo de ver o mundo e acompanhar sua trajetória metodológica tão difícil para quem como eu, e muitos de nós, construimo-nos no interior de metodologias que pregam os *a-prioris* e exigem métodos hierarquizados de encaminhar as investigações.

Como partimos do campo privilegiado das ações extensionistas, a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico se fez uma constante e Patrícia soube bem se aproveitar das deixas e furar o cerco das incertezas dos dados coletados. Chamou Paulo Freire ao debate e recordou como ele mesmo trata a educação como ato de afetividade e amorosidade. Encaminhou suas reflexões, tomando por suporte Francisco Ortega, ao conceito de amizade descrito por Foucault, em o *Uso dos Prazeres*, compreendendo com a leitura do clássico a concepção que traz dos gregos e como esta, ao entrelaçar-se aos afetos e ao cuidado de si por si mesmo, pode subverter as relações que hoje se impõem às escolas - relações autoritárias, desprovidas de afetos e, por vezes, coisificadas.

Como você, Patrícia, acredito ser possível, como diria também Paulo Freire, existir amor no ato de educar e amizade entre todos, na medida em que nesta o sujeito se desvela em sua condição de matéria-prima para a renovação das relações interpessoais, como argumenta Jurandir Freire na introdução que faz ao texto de Ortega. O que não representa sermos amigos de todos, mas entendermos a todos em suas diferenças, ambigüidades e dificuldades.

Por tudo que aqui expus e pelo muito que Patrícia, aluna pronta a desistir do curso, cresceu academicamente, minha nota é **DEZ (10,0)**. E, para não concluir, acredito que a vida de Patrícia tem sido muito de desejo e sonho; vontade ferrenha pelo que se objetiva e, muita vontade na luta por uma educação pública de melhor qualidade.

Rio, 13/09/2004

  
Maria Amélia de Souza Reis

Professora do Departamento de Didática

Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Ígia Martha Coimbra

Nota : 9,0

**Considerações Finais:**

*A monografia está "quase" toda dentro das ideias da ABNT. No entanto, cabe ressaltar "referências" bibliográficas não "aparecidas" ao final do texto, seu como a utilização de muitas fontes (livros de texto) diferentes, ocasionando confusão entre o essencial e o acessório.*

*Alc*

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
8,0	10,0	9,0	27,0	9,0

Rio de Janeiro, 22/09/2004

*LuCollor*